
THE CRITICAL

OS MASSACRES E A COBERTURA JORNALÍSTICA

Por: Layse Oliveira



Momento do ataque à Escola Raul Brasil em Suzano / Ilustração: Rafael Simões

Costumo pensar que o medo é um dos poucos sentimentos que nos aproxima como seres humanos e nos desperta empatia. Seja o medo do inesperado, do novo, ou, nos casos dos massacres, o medo do cruel. A morte em massa de pessoas é o que caracteriza o massacre, e não é preciso dizer que, por si só, o evento causa choque e traz questionamentos como o que levaria alguém a cometer um crime de tamanha crueldade.

No Brasil, os massacres também são

conhecidos como chacina, carnificina, dentre outros termos, dependendo da região em que acontecem. Mas, embora os nomes possam variar, a tragédia ocorrida no dia 13 de março de 2019, na Escola Estadual Professor Raul Brasil, foi intitulada como “Massacre de Suzano”, marcando a história do município e do estado de São Paulo. Como é de se esperar nos casos de notícias de grande relevância, a cobertura do Massacre de Suzano foi realizada amplamente pelos

veículos de comunicação jornalísticos, sobretudo os telejornais, que trouxeram a público as informações sobre o ocorrido: inspirados no Massacre de Columbine, a dupla formada por Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, ex-alunos da escola, invadiu o local e deixou ao todo 10 mortos, contando com a morte dos próprios atiradores, pois Guilherme atirou no parceiro e, em seguida, em si mesmo.

QUANDO UM GRANDE CRIME ACONTECE, QUEM RESPONDE OS PORQUÊS?

Dentre os tantos papéis cumpridos pelo trabalho jornalístico, o de responder as questões que são de interesse público provavelmente está em primeiro lugar. E o que mais seria de interesse público, se não a morte simultânea de vários inocentes? Para Renato Barros (29), que atua diariamente como repórter em umas das principais emissoras de TV de Pernambuco, a TV Guararapes (antiga TV Clube), a cobertura jornalística, sobretudo dos telejornais, é fundamental para trazer respostas aos espectadores: “há uma importância muito grande nesse tipo de investigação mais minuciosa sobre o que inspira essas pessoas na hora em que elas cometem crimes dessa proporção [...] quando o jornalismo entra nessa esfera, ele é fundamental para auxiliar no entendimento do porquê das coisas. Ele tem que acontecer! Muitas vezes, a investigação policial acontece em segredo, mas o papel da imprensa é ter acesso de outras formas, com fontes e muita pesquisa, para esclarecer à população” explica o repórter. Renato também fala sobre o motivo pelo qual os massacres chocam as pessoas e ganham um lugar de destaque nos telejornais: “os crimes que cobrimos no dia a dia geralmente têm relações em comum: tráfico de drogas, briga familiar, latrocínios. Coisas que, infelizmente, estão banalizadas na nossa sociedade pela quantidade de

vezes que acontecem. [...] Já os massacres acontecem por métodos diferentes. Não é normal acompanharmos duas pessoas invadindo uma escola, matando várias outras e depois tirando a própria vida. Isso é uma coisa que aterroriza mais a sociedade” pontua o jornalista.

Não é à toa a fala de Renato sobre os massacres não serem crimes do cotidiano. Nos últimos 10 anos, o Brasil registrou 8 ataques violentos a escolas, contando com o de Suzano.

“a cobertura jornalística, sobretudo dos telejornais, é fundamental para trazer respostas aos espectadores”

Isso significa que, para a sociedade como um todo, esse é um tipo de violência pouco vista e, conseqüentemente, pouco explicada. Muito embora as melhores pessoas possam acreditar que para nenhum crime existe uma justificativa - sobretudo os que, de fato, não podem ser justificados de maneira alguma -, ainda há uma grande especulação em volta dos massacres. Um apelo popular que alimenta a busca desenfreada por informações e, como resultado disso, o sensacionalismo nos telejornais.

É claro que, como um dos princípios do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o exercício do jornalismo baseia-se no direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação. E é verdade que a própria notícia do massacre já carrega consigo uma carga dramática. No entanto, existe uma linha tênue entre abordar com responsabilidade os diversos contextos que levam a um massacre e se ater apenas à divulgação da violência que permeia o crime. “Muitos jornais acabam tratando de uma forma sensacionalista na busca por números. A audiência acaba pautando muita coisa. Os índices de audiência sobem muito, porque a nossa sociedade ela se consome de assuntos que são chocantes. É um fato.” afirma Renato Barros. O jornalista ainda justifica o porquê dos telejornais abordarem o assunto dessa maneira: “Porque há um retorno de audiência nisso. Eu não sei se é exatamente um sensacionalismo, porque o sensacionalismo, às vezes, dá uma proporção muito maior a alguma coisa ou até pode inventar uma mentira, mas eu vejo muito mais uma exploração maior do assunto. Você sugar o máximo que você pode, porque há um retorno de audiência, a população quer saber relacionado a isso, e

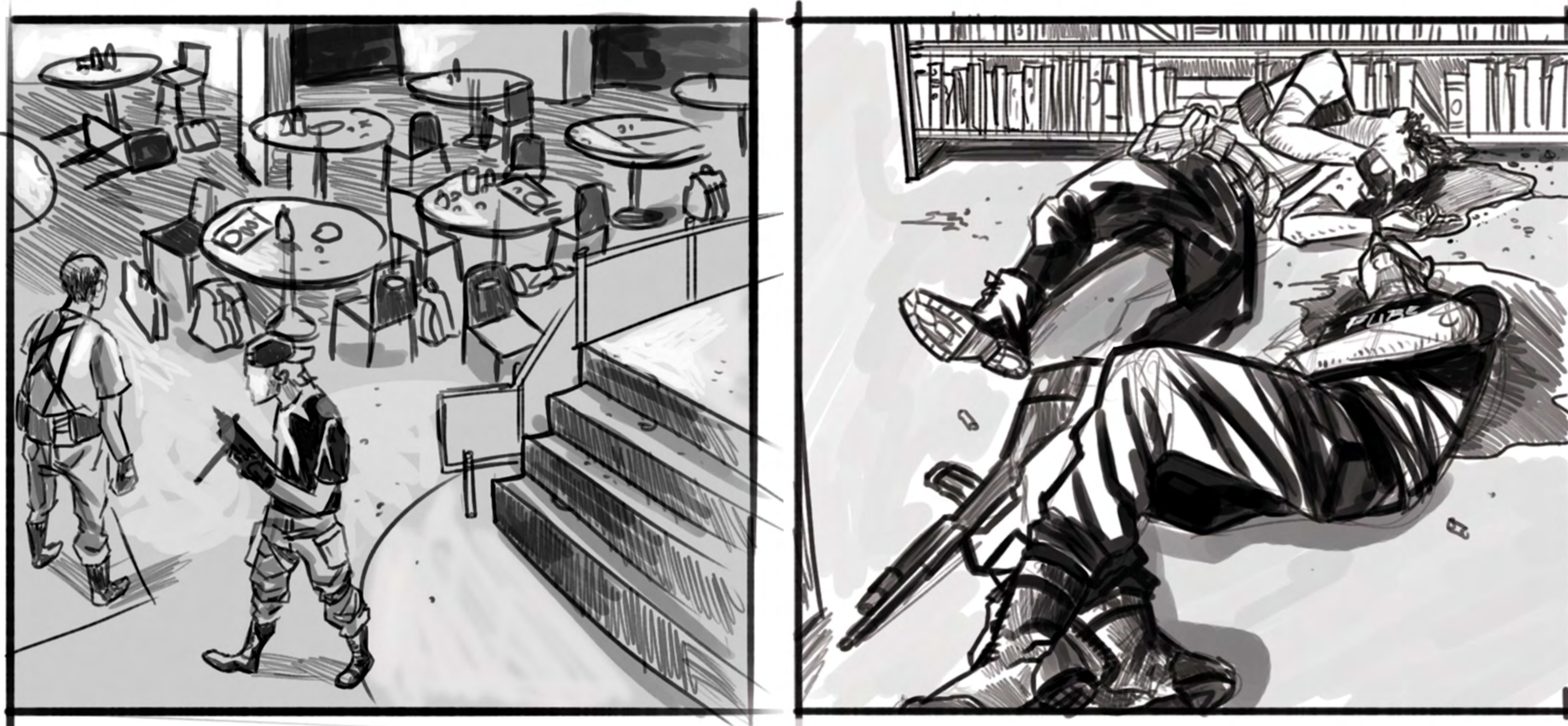
por isso às vezes pode ter uma figura caricata apresentando. Ela pode dar um grito ou outro, mas não necessariamente tornando um circo o cenário, ou trazendo a mentira.” finaliza.

A questão do “jornalismo sensacionalista” como sendo meramente aquele que aumenta um fato ou acrescenta informações inverídicas na divulgação das informações é um pensamento comum, sobretudo entre os próprios profissionais da área. Advindo, acredito, do tão esperado papel do jornalista como a figura que traz somente a

verdade. E, desde que isso seja cumprido, tudo bem. Contudo, a questão da divulgação sensacionalista de determinada notícia cabe múltiplas discussões. Para Sérgio Dionízio, jornalista e radialista com passagem em diversas emissoras pernambucanas e atual apresentador do telejornal Nova Geral, transmitido pela TV Nova Nordeste, “o sensacionalismo está em todas as notícias! Toda notícia, para chamar atenção, precisa recorrer a elementos sensacionalistas. Existem reportagens dos jornais considerados os mais

convencionais, que estão falando de um tema importante e botam uma trilha sonora. O que é a trilha sonora dentro de uma reportagem se não uma forma de sensacionalismo, de mexer com a sensação?”, opina o apresentador.

Sérgio também fala a respeito da divulgação dos massacres por parte dos telejornais: “os fatos acontecem e precisam ser noticiados. Infelizmente, é crescente o número de casos de violência. A criminalidade é crescente. Então, é por conta disso que tem crescido o espaço para o jornalismo que trata de assuntos policiais”, finaliza ele. Exatamente por isso, podemos levantar discussões acerca do jornalismo policial e, sobretudo, investigativo, seja na TV ou em outros veículos de comunicação, mas nunca tentar silenciá-lo, pois ele é essencial no entendimento do trabalho que está sendo realizado pelos órgãos competentes, no que diz respeito à resolução dos crimes e segurança da população.



Massacre de Columbine, que foi inspiração para outros atentados a escolas / Ilustrações: Daniel Rosini/Mundo Estranho

“eles queriam entrar para a história e superar Columbine, e eles conseguiram a notoriedade que buscavam.”

O que precisamos levantar como questão é a análise sobre os efeitos que a divulgação massiva da violência pode causar. Como já citado brevemente, no caso do Massacre de Suzano, a dupla se inspirou em outra barbárie para premeditar e executar a invasão ao colégio, que resultou na triste perda de várias vidas. Guilherme Tauci e Luiz Henrique eram admiradores de um dos massacres em escolas de

maior repercussão dos Estados Unidos, o Massacre de Columbine, ocorrido há 22 anos, em 20 de abril de 1999, cuja divulgação foi realizada amplamente a nível mundial e, que, como podemos ver, reflete até os dias atuais. Em fala durante entrevista para o Investigação Criminal, o Promotor de Justiça responsável pelo caso de Suzano, Dr. Rafael Ribeiro do Val, afirma que não gosta sequer de citar

os nomes dos responsáveis pelo crime, porque eles queriam entrar para a história e superar Columbine, e eles conseguiram a notoriedade que buscavam.

Diante dessas reflexões, é preciso questionar o impacto da divulgação da violência, até mesmo para que os profissionais que trabalham com comunicação possam entender o seu lugar nesse contexto. Afinal, o trabalho jornalístico vai além

daquilo que se atém apenas aos fatos ocorridos. Como já citado nesse texto, o jornalismo possui o papel de buscar o entendimento do porquê

das coisas. E ainda é possível elevar a discussão dizendo que, através desses questionamentos, o jornalista consegue atuar na sociedade como

um vetor que não só traz informação, mas que também elucida o cidadão sobre os valores morais e sobre o seu papel na sociedade.

O IMPACTO DA REPERCUSSÃO

Levando a discussão para outro âmbito, já que até aqui, muito falei sobre causa e consequência. É importante trazermos o ponto de vista de profissionais que possuem respaldo para discutir sobre o comportamento humano, nesse caso, psicólogos. Quando questionado sobre como o acesso à

divulgação detalhada da violência cometida em massacres pode influenciar pessoas a cometerem crimes da mesma categoria - como no de Suzano, que foi inspirado em Columbine -, o psicanalista e psicólogo clínico Luís Gadelha, que está habituado a trabalhar com casos de bullying e suicídio, dois temas

constantemente ligados aos contextos dos massacres em escolas, ele explica que adolescentes e adultos que se isolam do ambiente em que vivem, que possuem ideias suicidas e acreditam que são mal vistas pela sociedade procuram por similares, desejam encontrar pessoas que sintam as mesmas coisas que eles e, sim, podem se deixar levar pelas influências que encontram.



Autoretrato postado nas redes sociais por um dos assassinos de Suzano momentos antes do massacre / Ilustração: Rafael Simões

O psicanalista alerta que são muitos os fatores associados ao massacre, e cita questões como o sistema capitalista no qual todos nós estamos inseridos, onde os pais dificilmente conseguem perceber alterações suspeitas de comportamentos nos jovens, pois na maioria dos casos têm que passar o dia inteiro em seus trabalhos e, dessa forma, qualquer movimentação sutil acaba passando despercebida. Além da falta de incentivo do governo no

que diz respeito às atividades que possam fazer com que o jovem se sinta parte da sociedade. Muitos adolescentes não se identificam com a perspectiva, por exemplo, de apenas sair de casa para a escola todos os dias. Muitas vezes, não se sentem parte útil ou que estão sendo vistos, além de que as escolas costumam se isentar das responsabilidades para com os alunos. Luís ainda fala a respeito dos contextos em que os homens - que são os principais responsáveis por cometer esse tipo de violência - são criados, sendo condicionados a serem sempre os mais fortes, os que podem, “então, quem está preparando essas pessoas para o massacre, os influenciadores ou a própria sociedade?” questiona Gadelha.

Diante desse cenário, reconhecendo o jornalismo como um dos principais meios de trazer à tona questões que precisam ser tratadas pela sociedade, é preciso

“Quem está preparando essas pessoas para o massacre, os influenciadores ou a própria sociedade?”

olhar para a divulgação de massacres de forma que não nos atemos somente à violência pela violência. Nos EUA, onde episódios como esses se tornaram cada vez mais comuns, especialistas já discutem uma divulgação por parte da mídia que evite o uso constante dos nomes dos assassinos, que não divulgue fotos dos mesmos e evite termos como o “maior” massacre, ou faça comparação entre os crimes, além de evitar a ênfase do número de vítimas. Dessa forma, evitando o “efeito de imitação” e a notoriedade que esses criminosos buscam.